

TEORIA DA OTIMIDADE: UMA ENTREVISTA COM JOHN MCCARTHY

John J. McCarthy¹

Ubiratã Kickhöfel Alves²

Em suas mais de duas décadas, a Teoria da Otimidade (TO) contribuiu para uma grande mudança na teoria linguística. A TO tornou possível que muitas subáreas diferentes da Linguística pudessem conversar de maneira mais direta. Além disso, a TO também tem desempenhado um papel decisivo no campo da aquisição da linguagem. Todos esses fatores, além de seu processamento paralelo e sua natureza computacional, têm contribuído para um rápido crescimento do modelo desde sua criação.

E é impossível discutir a Teoria da Otimidade sem se referir à pesquisa realizada pelo professor John McCarthy. John McCarthy é professor no Departamento de Linguística da Universidade de Massachusetts (UMASS) – Amherst, e é vice-reitor sênior de Assuntos Acadêmicos da UMASS. Com muitos artigos e livros sobre a TO, ele ajudou pesquisadores a entenderem os princípios da TO e a realizar pesquisas em TO, além de ter contribuído com modificações no modelo padrão da teoria. Em outras palavras, o trabalho do professor McCarthy contribuiu tanto para o desenvolvimento como para a disseminação do modelo. Por essas razões, ele é um dos maiores pesquisadores em TO hoje em dia.

Nesta entrevista, o professor McCarthy fala sobre as perspectivas e os desafios que ainda precisam ser enfrentados pela TO. Ele também fala sobre as principais características do modelo, além de discutir a proposta do Serialismo Harmônico

¹ University of Massachusetts, Amherst.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

(*Harmonic Serialism*). Consideramos esta entrevista de grande relevância não só para aqueles que trabalham com TO, mas também para todos os linguistas, de maneira geral, dada a importância da Teoria da Otimidade nos últimos vinte anos. Finalmente, devemos agradecer ao professor McCarthy por sua bondade não só em responder às perguntas desta entrevista, mas também por todo o seu trabalho consistente na teoria. Sua didática e sua preocupação com os detalhes, que podem ser notadas ao longo da presente entrevista, contribuíram para o crescimento intelectual de pesquisadores jovens e experientes dentro da Linguística.

Alves – Desde que foi criada, a Teoria da Otimidade revolucionou o campo da Linguística. Na sua opinião, o que explica o sucesso que o modelo teve ao longo das duas últimas décadas, especialmente na Fonologia e na Morfologia?

McCarthy – Eu vejo três fatores principais como os responsáveis para o rápido interesse generalizado na Teoria da Otimidade:

- (i) Estava claro, desde o começo da década de 1970, que as restrições representacionais poderiam tanto bloquear como ativar processos fonológicos, mas não havia nenhuma teoria satisfatória que mostrasse como isso era possível. Na verdade, eu dei um curso em 1987, durante o LSA Linguistic Institute na universidade de Stanford exatamente sobre esse assunto, e a minha conclusão foi que esse era um sério problema não resolvido na Fonologia. A TO ofereceu muitíssimos novos *insights* sobre esse problema – e há quem diga inclusive que a TO solucionou o problema.
- (ii) A naturalidade fonológica também foi uma preocupação naquele tempo. Como a substância fonética afeta os processos fonológicos? Quais são as “tendências” que eram tão frequentemente mencionadas nas análises fonológicas? Aqui, de novo, a noção de restrições violáveis e ranqueáveis contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento de respostas para essas questões.

- (iii) Muito cedo na história da TO, no [workshop ROW-1, de 1993](#), Bruce Tesar apresentou um trabalho importante sobre a aprendizagem de ranqueamento de restrições. Nessa época, a aquisição fonológica era um verdadeiro mistério, e a solução elegante de Tesar aumentou consideravelmente o encanto pela TO.

Alves – No livro “Doing Optimality Theory” (2008)³, você diz que “a TO é uma teoria de interação entre restrições, não uma teoria de restrições. A TO não diz muito sobre as restrições, exceto que elas são universais e restritas a marcação e fidelidade” (p. 166). Que consequência isso tem sobre as análises em TO? Quais são os aspectos positivos e negativos que podem ter surgido por causa dessa característica da TO?

McCarthy – Que a TO não tenha uma teoria de restrições é um simples fato sobre a teoria, nem positivo nem negativo em si mesmo. As consequências positivas e negativas são encontradas talvez na disseminação da teoria. Pelo lado positivo, isso tem encorajado a aplicação da TO a uma gama muito ampla de fenômenos linguísticos: Fonologia, Morfologia, Sintaxe e até mesmo ao estudo da [terminologia de parentesco](#). Pelo lado negativo, isso tem levado a uma [proliferação](#) excessiva de restrições fonológicas. Isso tem sido atenuado um pouco pela exploração de esquemas para a formulação de restrições, tais como [alinhamento](#) ou [conjunção local](#), bem como mecanismos para relacionar certas restrições à sua base na [fonética substantiva](#).

Ironicamente, até mesmo a limitação a restrições de marcação e fidelidade tem sido questionada, tal como vemos nas propostas de restrições de [antifidelidade](#) ou [restrições que combinam propriedades de marcação e fidelidade](#).

³ Sem tradução para o português. N. T.

Alves – Muitos pesquisadores afirmam que a variação linguística representa um grande desafio à TO. Como você vê essa relação entre a TO e os dados de variação? Você acredita que ainda existam desafios a serem enfrentados no que diz respeito aos fenômenos de variação?

McCarthy – Sempre me pareceu que a variação linguística representava um grande desafio à Fonologia baseada em regras e que a noção de ranqueamento de restrições variável oferecia um *insight* considerável sobre a variação linguística. Talvez a intenção da pergunta seja contrastar a TO com a Gramática Harmônica (*Harmonic Grammar*), que usa restrições ponderadas ao invés de ranqueamento. Ela dá conta da variação [perturbando aleatoriamente os pesos das restrições](#). Essa é uma das diversas maneiras em que a TO e a Gramática Harmônica são [diferentes](#).

Alves – Nos últimos anos você tem dedicado sua pesquisa ao estudo do Serialismo Harmônico. O que o motivou a seguir esse modelo (que, ao contrário da TO, é um modelo serial)? A que conclusões você chegou até agora?

McCarthy – Eu me interessei primeiramente no Serialismo Harmônico no ano [2000](#). Nessa época, eu estava apenas tentando entender se o Serialismo Harmônico era uma maneira melhorada de lidar com a opacidade fonológica, se comparada com o tratamento paralelo que a TO dá ao fenômeno. E concluí que não. À medida que fui trabalhando mais com opacidade, contudo, encontrei razões para adotar uma versão diferente de TO serial, o modelo de TO com cadeias de candidatos (*candidate chains*, [OT-CC](#)). Percebi então que a OT-CC poderia resolver o “[problema de muitos reparos](#)”, em que as formas realmente observadas de satisfazer uma restrição de marcação são um subconjunto apropriado daqueles que seriam previstos pela livre permutação de restrições de fidelidade. A partir daí, cheguei à conclusão de que a relevância da OT-CC para o problema de muitos reparos é compartilhada com o Serialismo Harmônico, que é uma teoria mais simples e, portanto, mais fácil de investigar.

Na minha opinião, os resultados mais interessantes que emergem do estudo do Serialismo Harmônico são os seguintes:

- (i) Novas percepções sobre o problema de muitos reparos. Suponhamos que existam duas formas imagináveis de satisfazer alguma restrição de marcação, mas apenas uma delas é realmente observada. Pode-se argumentar que a diferença é que o processo observado requer apenas um passo derivacional e o processo não observado requer dois ou mais. As derivações do Serialismo Harmônico nunca prosseguirão por um passo que não produza melhoria de marcação, mesmo se o próximo passo melhorasse a marcação. Um exemplo desse tipo de raciocínio pode ser visto no meu texto “[The gradual path to cluster simplification](#)”.
- (ii) [Uma abordagem diferente sobre as restrições que motivam o espalhamento autossegmental](#) que melhora com as propostas anteriores.
- (iii) [Uma análise de apagamento de vogais átonas](#), algo problemático na TO paralela.
- (iv) [Uma razão para prestar mais atenção a GEN](#).
- (v) [Resolução de um problema formal com restrições de fidelidade baseadas em percepção](#).
- (vi) Uma visão diferente de estrutura lexical de [pé](#) e de [tom](#).
- (vii) [Explicações para algumas generalizações intrigantes sobre reduplicação](#).
- (viii) [Melhor compreensão do que constituiria evidência para o paralelismo](#).

Alves – Quais são os próximos desafios teóricos a serem enfrentados pela TO? Em que sentido os atuais objetivos da sua pesquisa lidam com esses desafios?

McCarthy – Eu cheguei a um ponto em minha carreira em que eu não tenho mais de me preocupar sobre o rumo que a área está tomando; por isso, não paro muito para pensar no assunto. Em vez disso, eu trabalho em problemas que me interessam. Ultimamente, tenho estado particularmente interessado na ligação entre processos de

apagamento e processos de redução – um elo natural no Serialismo Harmônico, em que a redução pode ser um passo no caminho do apagamento – e continuo meu interesse pela opacidade, retornando a alguns fenômenos opacos em hebraico bíblico com os quais trabalhei na minha tese de doutorado.

Alves – Por fim, você poderia sugerir algumas de suas publicações (livros, capítulos, artigos) que podem ser úteis para aqueles que estão começando seus estudos em Teoria da Otimidade ou em Serialismo Harmônico?

McCarthy – Eu escrevi dois artigos introdutórios sobre o Serialismo Harmônico, [este aqui](#) e [este aqui](#). Eles são um bom lugar para começar. Para quem conhece meu livro “Doing Optimality Theory”, eu escrevi um [suplemento ao livro](#), sobre Serialismo Harmônico, que inclui até alguns exercícios.

A maior parte do meu trabalho, exceto os livros, pode ser baixada [aqui](#). Quase tudo desde 2006 lida com Serialismo Harmônico ou OT-CC.